

# A ENDOCRINOLOGIA EM PORTUGAL:

## ORIGENS DE UMA ESPECIALIDADE MÉDICA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

ISMAEL C. VIEIRA\*

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo identificar as principais fases da construção da endocrinologia portuguesa na primeira metade do século XX. A endocrinologia portuguesa teve as suas origens nos estudos laboratoriais da escola de histofisiologia de Marck Athias e dos seus discípulos, evoluindo posteriormente para a sua aplicação clínica. Durante este período muitos trabalhos científicos e académicos foram realizados, criaram-se as primeiras consultas, editaram-se os primeiros periódicos especializados, aparecendo finalmente a Sociedade Portuguesa de Endocrinologia, catapultando a endocrinologia para a categoria de especialidades médica.

**Palavras-chave:** Endocrinologia; Portugal; histofisiologia; Sociedade Portuguesa de Endocrinologia.

**Abstract:** This article aims to identify the main phases of the construction of Portuguese Endocrinology in the first half of the 20th century. The Portuguese endocrinology has its roots in the laboratory studies of Marck Athias histophysiology school and his disciples, evolving into to clinical applications. During that period, many scientific and academical studies were made, the first doctor's appointments were created, the first specialized journal were edited and the Portuguese Society of Endocrinology was finally created, what catapulted Endocrinology for the category of medical speciality.

**Keywords:** Endocrinology; Portugal; histophysiology; Portuguese Society of Endocrinology.

## INTRODUÇÃO

A Endocrinologia como ramo da Medicina que se ocupa do estudo da fisiologia e da patologia do sistema endócrino é uma especialidade médica historicamente muito recente, embora as doenças provocadas por problemas no funcionamento das glândulas endócrinas sejam conhecidas desde tempos remotos.

Como afirmou Sournia<sup>1</sup> quer as doenças quer a medicina são históricas, isto porque sendo fenómenos sociais são também uma construção humana. Há, por conseguinte, uma historicidade dos fenómenos médicos ligados aos acontecimentos que afetam ou condicionam o ser humano. A área médica da Endocrinologia não foge a esta regra. Por ocupar-se do corpo humano, por lidar com o *pathos* herdado ou adquirido e por tratá-lo recorrendo aos meios descobertos ou inventados pelo homem, a Endocrinologia faz parte de uma implexa realidade social onde se cruzam a arte e a ciência médica, as mais modernas e promissoras tecnologias de diagnóstico e terapêutica, mas também as mais antigas formas de lidar com os pacientes e as circunstâncias que levam à angústia de nem sempre poder curar os doentes.

A Endocrinologia surgiu quando o homem se apercebeu da existência de doenças derivadas de um funcionamento anormal de alguns órgãos a que se deu o nome de glân-

---

\* CITCEM – Universidade do Porto. Email: ivieira@letras.up.pt.

<sup>1</sup> SOURNIA, 1997.

dulas. Mais tarde percebeu-se que algumas funções do organismo como a procriação, a gravidez, a lactação, a resistência ao stress ou o crescimento funcionavam por via de mensageiros químicos que utilizavam o sangue como via. A sede de produção desses mensageiros químicos residia em estruturas glandulares, formando estas últimas um sistema interligado, como uma orquestra, regulada pela hipófise-hipotálamo. Tardou, no entanto, até meados do século XIX para que Claude Bernard trouxesse a público a ideia de que haviam órgãos com capacidades de excreção endócrina.

A Endocrinologia constitui atualmente um dos campos mais dinâmicos das ciências biomédicas e uma das mais quantitativas dentro das especialidades clínicas. A Endocrinologia tem sido um ramo da medicina aberta à incorporação de múltiplos conhecimentos. Dificilmente se encontrará um campo da medicina em que a colaboração entre ciências clínicas e ciências básicas tenha sido tão próxima e produtiva. As profundas mudanças e desenvolvimento da Endocrinologia ao longo do século XX deveram-se à aplicação dos avanços de outras ciências como a química, a física, a biologia celular e molecular, a genética, a imunologia, a neurobiologia, etc. Não é de estranhar que ao longo do século XX fossem atribuídos dezasseis Prémios Nobel a descobertas ligadas à Endocrinologia.

Todavia, os logros desta área do conhecimento (bio)médico, nas áreas atrás referidas, não têm sido acompanhados por uma historiografia consistente nem profusa. No campo historiográfico existem muito poucos estudos, muito provavelmente por ser uma especialidade bastante recente. Acresce o facto de a Endocrinologia não se dedicar ao estudo de um só órgão, sistema ou doença. A Endocrinologia estuda variadas glândulas, as suas secreções e patologias: a hipófise, a tiroide, a pituitária, o pâncreas, as gónadas, mas também as hormonas, as doenças metabólicas associadas e a diabetes, sendo por tanto uma área onde é difícil concentrar a atenção. Poucos são os estudos nacionais e internacionais encontrados sobre este tema. Entre as obras mais destacadas encontram-se as de Victor Medvei<sup>2</sup>, «A History of Endocrinology», e de Loriaux<sup>3</sup>, «A Biographical History of Endocrinology», onde fazem uma história das principais fases de evolução da Endocrinologia, principais descobertas e cientistas envolvidos. É possível encontrar ainda alguns artigos<sup>4</sup> da autoria de alguns médicos interessados no passado da sua área de intervenção clínica. À semelhança dos livros já apontados, estes artigos analisam essencialmente os primórdios da Endocrinologia e sua evolução desde os gregos antigos até ao século XIX e princípios do século XX. Pode-se ainda apontar alguns estudos mais dedicados à Endocrinologia em espaços nacionais como o de Antonio Orozco Acuaviva<sup>5</sup> sobre a Endocrinologia espanhola da primeira metade do século XX, incidindo a análise sobretudo sobre a génese da especialidade e das duas grandes escolas de Endocrinologia lideradas por Gregório Marañon em Madrid e José Cañadell em Barcelona, a obra de Esteban Moreno e Ana Isabel Torre<sup>6</sup> sobre o período posterior, i.e., dos anos 50 em diante,

---

<sup>2</sup> MEDVEI, 1982.

<sup>3</sup> LORIAUX, 2016.

<sup>4</sup> ROLLESTONE, 1937; CAWADIAS, 1940; DORANTES-ÁLVAREZ & MEDINA-BRAVO, 2005.

<sup>5</sup> ACUAVIVA, 1999.

<sup>6</sup> MORENO & TORRE, 2005.

com particular enfoque na história da Sociedade Espanhola de Endocrinologia-Nutrição, sendo em grande parte resultado da investigação da Tese de Doutoramento de Ana Isabel Torre em 2004 ou ainda para o Brasil uma obra sobre história da Endocrinologia brasileira por Luiz Pova<sup>7</sup>.

A bibliografia portuguesa sobre a história da Endocrinologia é ainda mais escassa. O trabalho mais abrangente e cronologicamente mais dilatado é um artigo publicado por Luís da Silveira Botelho<sup>8</sup> em 1988, onde fez uma resenha histórica sumária da Endocrinologia em Portugal num pequeno artigo de cinco páginas, identificando os momentos mais importantes como os estudos histofisiológicos do início de século, a criação das primeiras consultas de Endocrinologia, um resumo dos principais encontros científicos e temas tratados e os avanços permitidos pela associação entre Endocrinologia e a bioquímica. Outras obras de referência são uma publicação de três gerações de endocrinologistas, Almeida Ruas, Manuela Carvalheiro e Francisco Carrilho<sup>9</sup>, onde a primeira parte do livro é essencialmente dedicada à história da Endocrinologia em Coimbra, existindo também um breve artigo com o historial do Serviço de Endocrinologia, Diabetes e Metabolismo do Hospital de Santo António no Porto de José Luís Silva<sup>10</sup>. Ainda que seja essencialmente uma cronologia de acontecimentos, pode-se também citar o livro de Luís da Silveira Botelho e José Luís Medina<sup>11</sup>, «Relações Científicas entre a Endocrinologia de Portugal e a Endocrinologia de Espanha», onde faz um apanhado dos principais acontecimentos comuns às duas sociedades ibéricas entre 1950 e 2007.

Este artigo pretende estudar de uma forma mais aprofundada as origens da Endocrinologia portuguesa na primeira metade do século XX, que tiveram bases nos estudos laboratoriais, na emergência das primeiras consultas desta especialidade e na produção de conhecimento científico especializado difundido através de novos periódicos. Partindo dos primeiros estudos de histofisiologia das glândulas endócrinas desenvolvidos por insígnis médicos e cientistas dos inícios do século XX, como Marck Athias, Ferreira de Mira ou Celestino da Costa, define-se os principais momentos da estruturação da Endocrinologia laboratorial e seus cultores. Num segundo capítulo estuda-se a transição da Endocrinologia de laboratório para uma Endocrinologia clínica, através da abertura das primeiras consultas desta área médica, precedendo o reconhecimento como especialidade autónoma. Na terceira parte mostra-se como a afirmação da nova especialidade teve um papel particular no desejo de difusão de estudos e casos clínicos que as primeiras publicações específicas souberam cobrir, ao mesmo tempo que se afirmava uma massa crítica crescente que resultou ainda na primeira metade do século XX na criação da Sociedade Portuguesa de Endocrinologia, elemento aglutinador de indivíduos afetos a esta área e elemento indispensável ao reconhecimento como especialidade pela Ordem dos Médicos em 1956.

---

<sup>7</sup> POVOA, 2000.

<sup>8</sup> BOTELHO, 1988.

<sup>9</sup> RUAS, CARVALHEIRO & CARRILHO, 2014.

<sup>10</sup> SILVA, 2003.

<sup>11</sup> BOTELHO & MEDINA, 2008.

## 1. AS GLÂNDULAS E O MICROSCÓPIO: OS PRIMEIROS ESTUDOS DE HISTOFISIOLOGIA ENDOCRINOLÓGICA

O início da Endocrinologia em Portugal esteve inevitavelmente ligada aos seus cultores e pioneiros. Se na primeira metade do século XX não existiu verdadeiramente uma área endocrinológica *per se*, temos de considerar que os inumeráveis trabalhos ligados à investigação no campo da fisiologia, da histologia e mesmo da clínica médica abriram o trilho pelo qual em 1949 se consagrou uma nova área, com a criação da Sociedade Portuguesa de Endocrinologia.

O despontar da *primeira escola de investigação* biomédica em Portugal teve como pioneiro e mentor Marck Athias, por muitos considerado o primeiro professor-cientista português e mestre dos primeiros endocrinologistas no nosso país. Em 1891, Marck Athias matriculou-se no Curso de Medicina da Faculdade de Medicina de Paris, onde se formou sob a égide de professores conhecidos do tempo como Duval, Richet, Landouzy, Bouchard, Charcot e Gley, este último redescobriu em 1891 as glândulas paratiroides mostrando que eram glândulas necessárias à manutenção da vida<sup>12</sup>.

Em 1894 descobriu num livreiro francês um livro de Ramón y Cajal intitulado «Les nouvelles idées sur la structure du système nerveux» que comprou e leu avidamente, tendo no final decidido seguir histologia. Procurou o professor Mathias Duval pedindo-lhe para o deixar trabalhar no seu laboratório, onde veio a desenvolver essencialmente trabalhos sobre a estrutura do neurónio<sup>13</sup>. Mais tarde apesar de ter preferido continuar a trabalhar com Duval fora preterido em concurso a favor de outro discípulo de origem francesa<sup>14</sup>. Decidiu então voltar à Madeira e mais tarde mudou-se com a família para Lisboa, onde a investigação experimental da Medicina era ainda quase inexistente<sup>15</sup>. Em 1900 passou a trabalhar com Miguel Bombarda no pequeno laboratório do Hospital de Rilhafoles como preparador oficioso de histologia, a troco de uma gratificação anual de 50\$000. Em 1903 houve um desdobramento da cadeira de Histologia e Fisiologia, tendo Miguel Bombarda ficado com a fisiologia geral e Athias com a histologia.

No laboratório não havia o instrumental necessário nem pessoal que soubesse empregá-lo pelo que a Faculdade de Medicina enviou Marck Athias e Pinto de Magalhães numa viagem ao estrangeiro para aquisição de material técnico de fisiologia, histologia e farmacologia. Visitaram laboratórios em Bruxelas, Berlim e Leipzig bem como várias universidades alemãs, suíças e francesas<sup>16</sup>. Ao longo da sua viagem ficou particularmente surpreendido com os institutos de fisiologia da Bélgica, especialmente com o Instituto Solvay de Bruxelas, criado pelo rico industrial Ernesto Solvay e entregue à universidade livre da cidade, mas também com o de Liège. Num pequeno relato da viagem que publicou revelou que preferia os institutos e universidades belgas mais do que as francesas, dizendo que aí nada de novo acontecia<sup>17</sup>.

---

<sup>12</sup> MEDVEY, 1982:278 e 484.

<sup>13</sup> SALGUEIRO, 2015: 45.

<sup>14</sup> COSTA, 1948: 148.

<sup>15</sup> AMARAL, 2006a: 156.

<sup>16</sup> MIRA, 1954: 187-188.

<sup>17</sup> ATHIAS, 1909: 357-359.

Como o assassinato de Bombarda, Athias sucedeu-o à frente da cadeira de fisiologia e histologia. Por essa altura, o enfermeiro-mor do Hospital de Rilhafoles, Curry Cabral, decidira por questões económicas encerrar o laboratório, o que obrigou a Athias transladar-se em 1911 com os seus discípulos para o Laboratório da Faculdade de Medicina de Lisboa que tinha apenas 8,8m por 3,5m, duas pequenas janelas, uma secretária para Athias e uma pequena mesa redonda partilhada na altura por Costa Santos e Celestino da Costa<sup>18</sup>.

Contratou dois estudantes seus para o auxiliarem no ensino da fisiologia, Almeida Rocha e Raul Carvalho, e no ano seguinte um terceiro para o ensino da química fisiológica, Matias Ferreira de Mira. Baseado no curso que ministrava introduziu técnicas de investigação experimental no ensino e investigação biomédica em Portugal, estimulando os seus alunos a desenvolverem trabalhos de investigação e teses de doutoramento baseadas na pesquisa experimental. Athias trabalhou ainda no Instituto de Investigação Científica Bento da Rocha Cabral, dirigido pelo seu discípulo Matias Ferreira de Mira, onde produziu numerosos trabalhos científicos e deixou discípulos que continuaram o seu legado e no Instituto Português de Oncologia de Lisboa, fundado por Francisco Gentil, onde pertencia à comissão diretora.

Marck Athias desde cedo investigou e realizou vários trabalhos de histofisiologia dos mecanismos das endócrinas, em especial das gónadas, interessando-se pela relação entre neoplasias e secreções internas e fisiologia hormonal. Aliás grande parte do seu trabalho e dos restantes discípulos sugerem que uma das linhas de investigação mais forte era a relacionada com explicações científicas sobre o funcionamento de glândulas, órgãos e tecidos de secreção interna<sup>19</sup>. A partir do Instituto de Fisiologia da Faculdade de Medicina de Lisboa contribuiu com alguns estudos para o conhecimento da estrutura do tecido intersticial do ovário, realizou experiências de feminização de machos castrados, demonstrou o determinismo da secreção láctea e a evolução e efeito da transplantação de ovários<sup>20</sup>. No IPO estudou, conjuntamente com Maria Teresa Furtado Dias, tumores malignos, dando particular atenção às lesões histológicas das glândulas sexuais e endócrinas em animais cancerosos ou pré-cancerosos<sup>21</sup>.

Bem para além dos seus estudos, o contributo de Marck Athias neste campo foi decisivo pela formação de novos cientistas que viriam a dar cartas na estruturação da ciência endocrinológica. O núcleo central de colaboradores de Marck Athias compunha-se de figuras como Ferreira de Mira, Henrique Parreira (que estudou a hipertrofia compensadora da tiroide), Joaquim Fontes, Jacinto Moniz de Bettencourt, Maria Teresa Furtado Dias (a única mulher discípula de Marck Athias), Abel Salazar e Augusto Celestino da Costa. Destes discípulos próximos quase todos foram sócios fundadores da futura Sociedade Portuguesa de Endocrinologia: Celestino da Costa sócio n.º 1 e primeiro presidente, Ferreira de Mira sócio honorário, Joaquim Fontes sócio n.º 3, Jacinto Bettencourt sócio n.º 18 e Maria Teresa Furtado Dias sócia n.º 28<sup>22</sup>.

---

<sup>18</sup> ATHIAS, 1946, 337-338 e COSTA, 1948: 152.

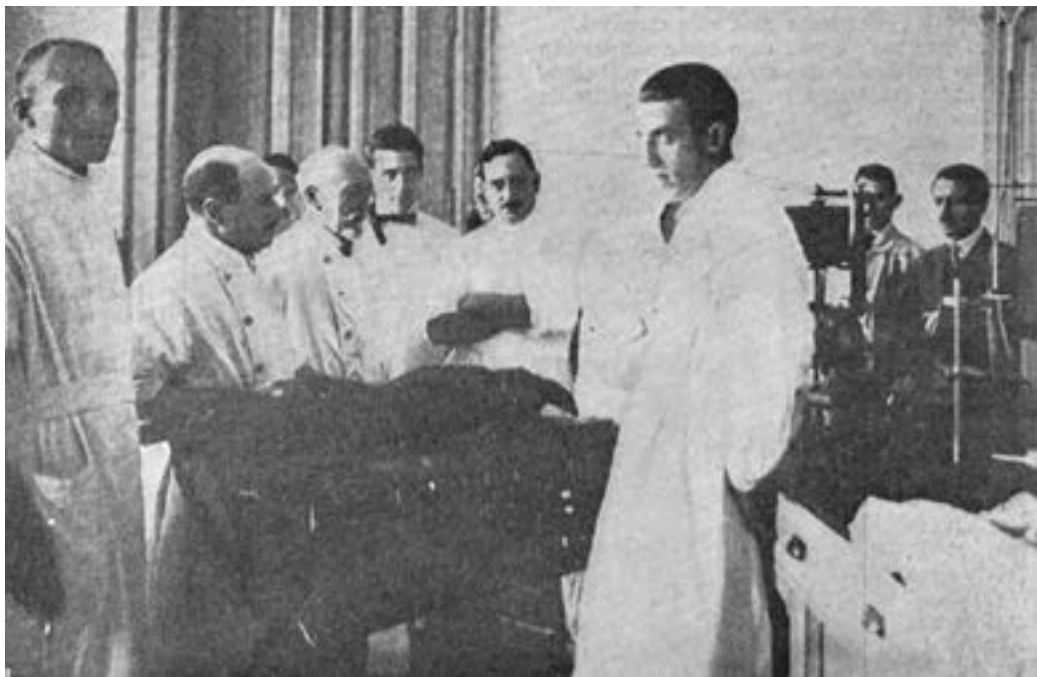
<sup>19</sup> AMARAL, 2006b: 102-105.

<sup>20</sup> ATHIAS, 1933.

<sup>21</sup> MIRA, 1954: 202.

<sup>22</sup> SPE, 1949-2002.

Em 1923, o laboratório da Faculdade de Medicina de Lisboa recebeu a visita de M. Gley, um importante fisiologista francês e professor de Athias em Paris, que veio partilhar com os portugueses os seus conhecimentos, mostrando uma boa dinâmica entre escola francesa do *Collège de France* e a escola portuguesa iniciada por Athias. Este último nas aulas que ministrava passou a utilizar nas lições teóricas o manual do Dr. M. Gley.



**Imagem 1** – Visita do Dr. M. Gley ao Laboratório de Fisiologia da Escola Médica de Lisboa em 1923.

Da esquerda para a direita: M. Pierre Gley (filho), Mark Athias, Celestino da Costa, M. Gley, Simões Raposo, Roberto Chaves, Joaquim Fontes, Heitor da Fonseca e Pedro Fontes. Fonte: «Ilustração Portuguesa», n.º 926 (1923), p. 641.

Na senda do mestre esteve também Matias Ferreira de Mira que se notabilizou na Medicina Portuguesa da primeira metade do século XX com trabalhos de índole diversa, desde higiene até à história da medicina, mas dedicou a maior parte dos seus estudos às glândulas endócrinas.

Ferreira de Mira, originário do Montijo, foi estudar Medicina na Escola Médico-cirúrgica de Lisboa onde conclui o curso em 1898. Depois de alguns anos a exercer medicina na sua terra natal regressou em 1910 a Lisboa, tendo no ano seguinte sido convidado por Marck Athias para lecionar Química Fisiológica na Faculdade de Medicina de Lisboa. Além da Medicina, Ferreira de Mira foi também escritor, político e jornalista, escrevendo artigos de vulgarização científica no jornal do Partido Unionista, o jornal «A Luta». Sem saber era lido por um magnata da altura, Bento da Rocha Cabral, que nunca vira ou conhecera, mas que perfilhava as suas ideias, ao ponto de deixar em testamento uma fortuna para a criação de um centro de investigação científica desig-

nando Ferreira de Mira como diretor<sup>23</sup>. Mais tarde Ferreira de Mira revelou como tudo sucedeu numa conferência do Instituto Bento da Rocha Cabral:

*Em fins de abril de 1921 ocorreu em Lisboa um facto sem precedentes no nosso país. Ao abrir-se o testamento do Sr. Bento da Rocha Cabral, nascido no concelho de Sabrosa, residente durante anos no Brasil e, ao tempo, em Lisboa, viu-se que ele deixava a maior parte da sua fortuna para fundação dum instituto de investigação científica.*

*Rocha Cabral, no seu testamento, indicou-me para redigir a função do Instituto, com o auxílio dos testamentários. Estes constituíram, com outras pessoas que escolheram, o Conselho Administrativo do Instituto, e eu passei a exercer funções de diretor, que ainda conservo.*

*A escolha do meu nome foi devida à minha passagem pelo jornalismo; e a este propósito devo acentuar que o Instituto Rocha Cabral não existiria, se não tivesse havido em Lisboa um jornal chamado A Lucta [...] escrevi durante anos, no seu jornal, artigos de vulgarização científica e outros sobre cultura e ensino e ali insisti sobre a obra gigante executada em proveito da ciência pelos milionários americanos, os Rockefeller, os Carnegie e outros. Foram estes os artigos que me apresentaram perante o espírito de Rocha Cabral como indivíduo capaz de executar a sua última vontade. [...] No espírito de Rocha Cabral havia um estado de receptividade favorável aos meus escritos, visto que nunca nos falámos e eu só soube da sua existência quando me disseram o que constava do seu testamento<sup>24</sup>.*

Foi desta forma inesperada que Ferreira de Mira se tornou no diretor do Instituto de Investigação Científica Bento da Rocha Cabral, criado com base num legado, que inspirado em famílias norte-americanas como os Rockefeller e os Carnegie que financiavam a investigação científica, decidiu financiar uma instituição de investigação científica com o propósito de beneficiar a ciência portuguesa. Depois de instalados os laboratórios, entrou em funcionamento oficialmente em 1925 com apenas quatro investigadores: Matias Ferreira de Mira (o pai), Manuel Ferreira de Mira (o filho), Simões Raposo e Fausto Lopo de Carvalho<sup>25</sup>. Organizou-se pouco depois em quatro secções:

- Secção de Fisiologia – tutelada por Marck Athias e Joaquim Fontes, que viria a ser o sucessor de Ferreira de Mira à frente do Instituto Rocha Cabral e de Athias na Faculdade de Medicina de Lisboa;
- Secção de Histologia – tutelada por Augusto Celestino da Costa, que mais tarde fundou a Sociedade Portuguesa de Endocrinologia;
- Secção de Química Biológica – tutelada por Ferreira de Mira (pai) e depois por Kurt Jacobsohn, contratado em Berlim ao *Kaiser Wilhelm Institut für Biochemie*;
- Secção de Bacteriologia – tutelada por Fausto Lopo de Carvalho e Ferreira de Mira (filho).

Este foi um instituto de grande prestígio, tendo financiado trabalhos como o de Egas Moniz na área da angiografia cerebral e de Fausto Lopo de Carvalho ao nível da angiop-

<sup>23</sup> Joaquim Fontes no prefácio à obra de MIRA, 1954: 23.

<sup>24</sup> MIRA, 1939: 5-8.

<sup>25</sup> MIRA, 1939: 8-9.

neumografia<sup>26</sup>. Foi no quadro do Instituto Bento da Rocha Cabral que Ferreira de Mira e os seus investigadores desenvolveram trabalhos na área da Endocrinologia sobretudo ligados às glândulas endócrinas e relacionados com o crescimento, o determinismo do sexo e a influência das suprarrenais na musculatura. Fez do estudo das glândulas suprarrenais o seu principal objeto de investigação, mas também estudou o baço, o aparelho tiro-paratiroideu, a opoterapia com adrenalina e extratos da suprarrenal<sup>27</sup>. Ferreira de Mira sempre se manteve fiel às secreções internas e assuntos afins. Estudou ainda a influência de preparações de tiroide sobre o crescimento, a maturação sexual em animais, a formação de caracteres sexuais secundários e as hormonas<sup>28</sup>. Conjuntamente com Joaquim Fontes, que veio a ser o seu sucessor à frente do Instituto Bento da Rocha Cabral, desenvolveu estudos das suprarrenais relacionados com o crescimento e a fadiga, pioneiros na sua altura, quando ainda se desconhecia a hormona produzida por esta glândula endócrina, o que lhes valeu numerosas citações em livros da especialidade.

O Instituto publicou entre 1927 e 1974 uma publicação científica própria intitulada *Travaux de Laboratoire de l'Institut Rocha Cabral*, com artigos em francês, alemão e inglês dado que o Instituto pretendia internacionalizar os seus estudos e investigadores. Em língua portuguesa publicava anualmente o periódico *Actualidades Biológicas*, a partir de 1929, onde se encontram vários trabalhos, resultados de conferências realizadas entre abril e maio de cada ano, muitos dos quais ligados a temas endocrinológicos. A emergência destas publicações e de outras que estes cientistas dinamizaram, apontavam, segundo Isabel Amaral<sup>29</sup>, para a necessidade de difundir um conjunto de conhecimentos específicos como também uma linguagem e metodologias específicas. As publicações em francês, como os *Travaux de Laboratoire*, mostram por outro lado o desejo de difusão e internacionalização da produção científica<sup>30</sup> a par de uma certa fidelidade à tradição científica francesa que marcou as ciências biomédicas em Portugal.

Isabel Amaral<sup>31</sup> aponta um outro facto interessante. Independentemente da ligação que os discípulos de Athias tinham ao programa de investigação, todos participavam de alguma forma nas sociedades e publicações dinamizadas pela sua escola de investigação, forjando uma massa crítica essencial à afirmação das novas áreas disciplinares e da identidade profissional dos cientistas. A fundação da Sociedade Portuguesa de Endocrinologia, por Augusto Celestino da Costa é revelador destes factos, já que agregava investigadores dos mais diversos campos.

---

<sup>26</sup> ALVES, 2014: 306-307.

<sup>27</sup> MIRA, 1954: 225-227.

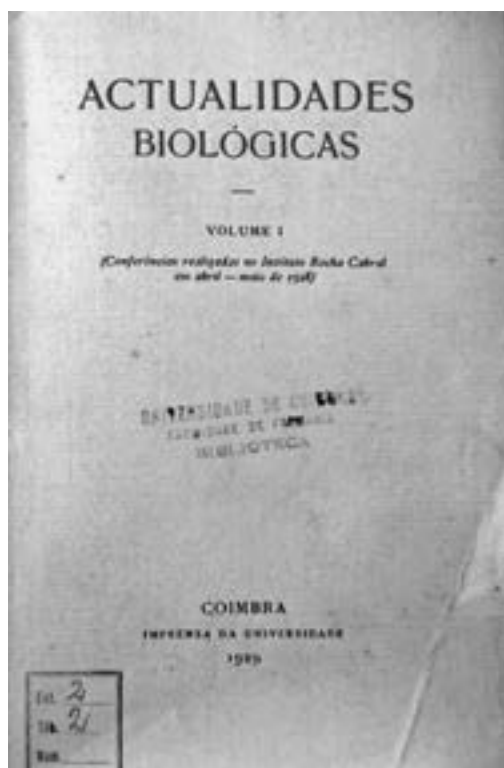
<sup>28</sup> MIRA, 1940: 135-141.

<sup>29</sup> AMARAL, 2006a: 160.

<sup>30</sup> Veja-se SALGUEIRO, 2014.

<sup>31</sup> AMARAL, 2006a: 160.





**Imagem 2** – Primeiro volume da publicação «Actualidades Biológicas» (1929) do Instituto Bento da Rocha Cabral.

Um dos discípulos de Ferreira de Mira – Eurico Paes – especializou-se na área da Endocrinologia. Eurico Paes foi o mentor de um dos primeiros periódicos especializado nesta nova área biomédica, a *Revista Luso-Espanhola de Endocrinologia e Nutrição*, que soube atrair grandes nomes da Endocrinologia ibérica de então e integrá-los na comissão científica da publicação. Fez do reputado endocrinologista espanhol Gregório Marañón (Madrid) o diretor científico da revista e convidou Augusto Celestino da Costa, Iriarte Peixoto e Adelino Costa para a comissão científica. Eurico Paes criou ainda em 1956 no Hospital de Egas Moniz o primeiro Serviço de Endocrinologia de Lisboa onde manteve o Centro de Estudos Endocrinológicos que acolhia investigadores desta área de estudo.

Ainda no conjunto dos primeiros fisiologistas das endócrinas destacou-se Augusto Celestino da Costa, uma figura impar da Medicina e da Ciência portuguesa do século XX, considerado como um verdadeiro apóstolo da ciência durante o regime Republicano<sup>32</sup>. Augusto Celestino da Costa licenciou-se em Medicina na Escola Médico-cirúrgica de Lisboa em 1905, com a apresentação de uma Tese Inaugural intitulada «Glândulas suprarrenais e suas homólogas: estudos citológicos»<sup>33</sup>, manifestando desde logo um particular interesse pela investigação científica das glândulas de secreção interna. Partiu

<sup>32</sup> AMARAL, 2006b: 107.

<sup>33</sup> COSTA, 1905.

depois para a Alemanha onde trabalhou em diversos laboratórios universitários, regressando depois a Lisboa onde trabalhou no Instituto Bacteriológico Câmara Pestana. Em 1911 iniciou a carreira docente na Faculdade de Medicina de Lisboa, criando o Instituto de Histologia e Embriologia. Aí trabalhou com uma geração de professores consagrados como Ricardo Jorge, Bettencourt Raposo, Belo de Moraes, Moreira Júnior, Salazar de Sousa entre outros<sup>34</sup>, tendo ele próprio feito parte de uma nova 'fornada' de professores-cientistas.

Augusto Celestino da Costa desempenhou vários cargos importantes como diretor da Faculdade de Medicina de Lisboa, foi presidente da Junta da Educação Nacional e do organismo sucedâneo, o Instituto para a Alta Cultura, exerceu o cargo de diretor de análises clínicas dos Hospitais Cíveis de Lisboa, foi fundador da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais e fundador e presidente da Sociedade Portuguesa de Endocrinologia.

Mas foi sobretudo no Instituto de Histologia e Embriologia, criado com a ajuda de Pedro Roberto Chaves, Alfredo Magalhães Ramalho e Luís Simões Raposo, que trabalhou em matéria endocrinológica. A criação deste Instituto permitiu um *upgrade* importante nas condições de trabalho de Celestino da Costa e dos seus colaboradores, pois nalguns laboratórios existentes na época era frequente o investigador comprar os seus reagentes, animais e equipamento, livros e periódicos<sup>35</sup>. Ao longo da sua vasta carreira escreveu sobre os mais diversos temas da Endocrinologia. Tratou da morfologia e histologia das glândulas endócrinas, realizou experiências de opoterapia com extratos de glândulas em ratos de laboratório, falou de neuro-endócrinas, etc. A sua grande obra foram as «Lições sobre a histofisiologia das glândulas endócrinas»<sup>36</sup> onde abordou os problemas associados a várias glândulas como a suprarrenal, a tiroide, a paratiroide, o pâncreas, a hipófise, etc.

Além dos seus estudos em Endocrinologia foi o criador, conjuntamente com Iriarte Peixoto, da Sociedade Portuguesa de Endocrinologia em 1949, peça chave na afirmação da especialidade de Endocrinologia em 1956 junto da Ordem dos Médicos.

## 2. DO LABORATÓRIO AO CONSULTÓRIO: O DESPONTAR DA ENDOCRINOLOGIA CLÍNICA

Os primeiros decénios do século XX ficaram marcados essencialmente pelos trabalhos de histofisiologia das glândulas endócrinas desenvolvidos por um conjunto relativamente restrito de professores-cientistas. No entanto, a Endocrinologia não podia ficar somente pelos estudos das glândulas e das suas secreções (hormonas e neurotransmissores) cujo funcionamento e funções foram sendo desvendados com estudos cada vez mais extensivos e profundos.

O aparecimento desta nova área de estudo potenciou o entendimento que os médicos tinham de certas doenças até então mal conhecidas e resultado do mau funcionamento de glândulas endócrinas como a tiroide e paratiroides, a hipófise-hipotálamo, as

---

<sup>34</sup> PEIXOTO, 1985.

<sup>35</sup> AMARAL, 2006b: 100.

<sup>36</sup> COSTA, 1942.

suprarrenais, as gónadas ou o pâncreas. A existência de patologias associadas às endócrinas exigia, para além dos estudos de laboratório, uma tradução prática que só a clínica podia dar. Eram várias as doenças endocrinológicas que afetavam os portugueses, desde o Síndrome de Cushing, a acromegalia e o nanismo, os bócios, a Doença de Addison, o cretinismo ou a diabetes, que exigiam uma resposta médica. Os médicos, muitos deles ligados à especialidade de Medicina Interna, tomando maior consciência da especificidade que as endócrinas e suas patologias exigiam foram tomando a iniciativa de criar espaços próprios para observar, diagnosticar e tratar as patologias de foro endocrinológico. A Endocrinologia clínica que começou a despontar nos anos 20 teve, todavia, ritmos diferentes, alcançando as várias geografias do país de forma faseada e gradual.

No despontar da Endocrinologia Clínica portuguesa estiveram por um lado a criação nos anos 20 da Associação Protetora dos Diabéticos Pobres por Ernesto Roma e já nos finais dos anos 40 a criação das primeiras consultas de Endocrinologia nos Hospitais Cíveis de Lisboa e no Instituto Português de Oncologia de Lisboa.

Um dos nomes que esteve associado à origem da Endocrinologia clínica, e particularmente da diabetologia, foi o de Ernesto Roma. Ernesto Galeão Roma, nascido em Viana do Castelo em 1887 cedo seguiu as pisadas do avô, também ele médico e benemerente. Ernesto Roma realizou o ensino secundário no Colégio Militar tendo depois cursado Medicina na Escola Médico-cirúrgica de Lisboa, terminando a licenciatura com 19 valores em 1913. Em 1915 alistou-se como voluntário seguindo a carreira de médico militar – o pai dele também era General do Exército – tendo combatido na I Guerra Mundial integrado no Primeiro Batalhão Expedicionário Português. Em 1921 foi nomeado assistente e Chefe de Clínica da Faculdade de Medicina de Lisboa tendo trabalhado com Bello de Moraes, de quem era discípulo, e com Pulido Valente<sup>37</sup>.

Ernesto Roma colheu muito das suas viagens de estudo por Paris, onde visitou a Clínica de Dieulafoy, e sobretudo pelos EUA, a partir de 1921, onde estagiou no Hospital Geral de Massachusetts, testemunhando a «revolução da insulina» quando introduzida na prática clínica, e visitando a Clínica Joslin, um centro de tratamento da diabetes *mellitus* em Boston para onde os descobridores da insulina – Frederick Banting, Charles Best, John Macleod e James Collip – tinham enviado os primeiros frascos do produto<sup>38</sup>. Na clínica Joslin viu igualmente métodos percussores na educação dos diabéticos, começando pelo *bestseller* publicado em 1917 por Elliott Joslin «A Diabetic Manual for the mutual use of Doctor and Patient»<sup>39</sup>, passando pelas enfermeiras especialistas na diabetes que acompanhavam os pacientes da clínica em suas casas até aos programas de combate à diabetes nas crianças ou às investigações da diabetes gestacional<sup>40</sup>.

Regressado a Portugal, Ernesto Roma pôs em prática a insulino-terapia no seu consultório e cedo adquiriu fama de diabetologista, a quem os diabéticos da capital acorriam para obter o novo tratamento. Em 1926, frustrado com o problema dos diabéticos

---

<sup>37</sup> ARROTEIA, 1987: 3.

<sup>38</sup> APDP, (s. d.).

<sup>39</sup> Vd. JOSLIN, 1919.

<sup>40</sup> JOSLIN, (s. d.).

pobres que não conseguiam custear o seu tratamento, decidiu mobilizar a sua clientela burguesa e alguns amigos no sentido de criar a Associação Protetora dos Diabéticos Pobres, mais tarde renomeada Associação Protetora dos Diabéticos de Portugal em 1973<sup>41</sup>, tendo sido a primeira associação do género no mundo. A Associação Protetora dos Diabéticos Pobres tinha dois grandes objetivos: fornecer gratuitamente insulina às pessoas sem meios económicos para a obter e educar a população com diabetes, conscientizando-a para a necessidade da prevenção através de um estilo de vida saudável e ativo.

Ernesto Roma iniciou deste modo uma Escola de Diabetologia e a Diabetologia Social<sup>42</sup>. Na APDP produziram-se estudos sobre a dimensão somática e pedagógica das diferentes formas da diabetes e sua hereditariedade, conceberam-se testes, elaboravam-se princípios básicos e programas de alimentação, realizavam-se tratamentos, ensinava-se técnicas de injeção de insulina, fazia-se prevenção, alertava-se para os problemas da diabetes na gravidez, etc.<sup>43</sup>. A APDP aliava a prática clínica e a educação popular que passava por ensinar os diabéticos a auto injetarem-se com insulina, a auto vigiarem-se e a cumprir uma dieta adequada à sua condição. Em 1937, Ernesto Roma deu à estampa um pequeno livrinho, «Conselhos aos Diabéticos»<sup>44</sup>, onde explicava com uma linguagem coloquial, mas muito precisa, o essencial sobre a diabetes, referindo-se à sintomatologia da doença, dando conselhos sobre nutrição, mostrando com fórmulas simples como os doentes podiam calcular o valor nutricional da sua alimentação e estabelecer um plano alimentar.

A associação expandiu-se com a abertura de várias filiais em Coimbra e Porto, de existência efémera, e ainda em Santarém, sendo mais tarde integrada no centro de saúde distrital. Em 1938 veio descrito no periódico «Coimbra Médica» uma notícia de Manuel Bruno da Costa sobre a preparação de insulina que já se fazia em Coimbra no Laboratório de Química-Física e Química Biológica<sup>45</sup>. Bruno da Costa preparava insulina de acordo com o método de Banting e Best usando um processo de extração a partir da precipitação com ácido pícrico e extração com acetona. Na época ainda não existia insulina sintética, o que dificultava a obtenção desta hormona: por cada 10 kg de pâncreas produzia-se 1g de insulina<sup>46</sup> dificultando assim a obtenção do produto a baixo custo.

Em 1939 criou-se o Instituto Antidiabético de Coimbra pela Direção Geral de Assistência através do Decreto-lei n.º 30017 de 2 de novembro de 1939, mantendo-se este sob dependência dos Hospitais Universitários. No preâmbulo do diploma, o governo reconheceu o labor realizado por várias pessoas e associações na luta antidiabética, reconhecendo que era necessário ir mais longe do que a simples assistência:

*Não se torna apenas necessário olhar o problema no seu aspeto sentimental, favorecendo ou auxiliando o doente pobre. É preciso ir mais longe, colocando o diabético em condições de poder adoptar a terapêutica conveniente, com um regime alimentar adequado e com a aplica-*

---

<sup>41</sup> ARROTEIA, 1987: 5.

<sup>42</sup> LISBOA, 1979.

<sup>43</sup> ARROTEIA, 1987: 7.

<sup>44</sup> ROMA, 1937.

<sup>45</sup> COSTA, 1938: 201-211.

<sup>46</sup> COSTA, 1938: 205.

*ção medicamentosa da insulina. Importa também ensinar, educar; numa palavra preparar convenientemente os portadores da doença com lições técnicas e práticas*<sup>47</sup>.

Ao novo Instituto Antidiabético de Coimbra, que funcionou sob a dependência dos Hospitais da Universidade, foi reconhecida uma tripla função: prestar assistência aos doentes pobres realizando o tratamento de insulino-terapia, pôr em prática a profilaxia da diabetes ensinando à população as principais características da doença e formas de a prevenir e promover trabalhos de investigação científica relacionada com a doença. Para tal o dispensário onde funcionava o Instituto Antidiabético tinha uma consulta externa, uma cozinha dietética e um laboratório onde se produzia a insulina para consumo próprio e fornecimento de hospitais e instituições que cuidassem de diabéticos pobres.

Ao longo da primeira metade do século XX, a Endocrinologia foi alcançando a maturidade científica necessária à sua afirmação enquanto especialidade médica, fruto das investigações e descobertas que decorriam em centros de investigação internacionais. Entre 1909 e 1950 foram seis os Prémios Nobel da Medicina e Fisiologia destinados a galardoar trabalhos no campo da Endocrinologia: em 1909 Emil T. Kocher foi distinguido pelos seus trabalhos no campo da fisiologia, patologia e cirurgia da glândula tireoide; em 1923 Frederick Banting e John MacLeod receberam um prémio pela descoberta da insulina; em 1936 Henry Dale e Otto Loewi foram galardoados pelas descobertas relacionadas com a transmissão química dos impulsos nervosos; em 1939 Adolf Butenandt e Leopold Ruzicka foram premiados pela descoberta e síntese dos esteroides sexuais; em 1947 Bernardo Houssay foi reconhecido pela descoberta do papel da hormona da hipófise no metabolismo do açúcar; e em 1950 Edward Kendall, Tadeus Reichstein e Philip Hench receberam o prémio da academia sueca pelas descobertas relacionadas com a hormona do córtex adrenal, suas estruturas e efeitos biológicos<sup>48</sup>. À parte destes Prémios Nobel, que foram apenas os estudos mais destacados dos numerosos estudos em todo o mundo, a Endocrinologia num curto espaço de tempo foi mostrando a sua potencialidade como área médica emergente.

Em Portugal, o conhecimento cada vez mais aprofundado das glândulas endócrinas, do seu funcionamento e da função que as suas secreções ou hormonas desempenhavam no organismo estimularam a criação de consultas de Endocrinologia. Para o período que nos propusemos estudar, i.e., para a primeira metade do século XX, além da consulta de diabetologia da APDP, é possível assinalar mais duas: uma nos Hospitais Cívicos de Lisboa e outra no Instituto Português de Oncologia Francisco Gentil em Lisboa, ambas em 1948.

No final dos anos 40, a criação de duas consultas de Endocrinologia em Lisboa iniciou um ciclo fecundo para esta área médica. Todo o saber acumulado nos institutos de investigação pôde ser posto em prática em espaço hospitalar. Na frente desta nova etapa estiveram dois jovens médicos da altura: Rodolfo Iriarte Peixoto e Luís da Silveira Botelho.

<sup>47</sup> DECRETO-LEI n.º 30017, 1939: 1164.

<sup>48</sup> PICÓ ALFONSO, 2013: 12-13.

Rodolfo Iriarte Peixoto, que era discípulo de Augusto Celestino da Costa, foi com ele fundador e sócio n.º 2 da Sociedade Portuguesa de Endocrinologia. Em 1946, Iriarte Peixoto que era um jovem médico assistente dos Hospitais Cívicos de Lisboa escreveu uma obra monumental de 654 páginas com o título de «Terapêutica das doenças endócrinas» (1946). Esta obra profusamente ilustrada tratava da terapêutica de um vasto conjunto de doenças associadas à tiroide, hipófise, paratiroides, suprarrenais, gónadas masculinas e femininas, e ainda sobre a terapêutica da obesidade e da magreza. Este livro foi um marco importante da Endocrinologia clínica que procurava no seu tempo despertar o interesse da comunidade médica para o tema da Endocrinologia clínica.

O seu labor no campo endocrinológico levou-o a assumir a primeira consulta de Endocrinologia e Nutrição no Hospital D. Estefânia, que veio a ser a primeira consulta de Endocrinologia do país. A institucionalização da Endocrinologia nos Hospitais Cívicos de Lisboa aconteceu com a ordem de serviço n.º 3214 de 27 de novembro de 1946, que criava simultaneamente nos Hospitais Curry Cabral e D. Estefânia consultas externas de Endocrinologia. A consulta no Hospital de Curry Cabral foi entregue inicialmente ao Professor Fernando Fonseca, que à semelhança de Ernesto Roma também foi um veterano da I Guerra Mundial, tendo combatido na Flandres como alferes médico. Em 1918, foi admitido como assistente no Hospital de Santa Marta, onde trabalhou sob direção de Pulido Valente. Em 1923 rumou à Alemanha para um estágio em Berlim com mestres conceituados da altura como os Professores Strauss, Kraus e Pincusen em temas como doenças do aparelho digestivo, insuficiência renal e nutrição<sup>49</sup>. Mais tarde em 1929 foi aprovado como médico para os Hospitais Cívicos de Lisboa, tendo publicado no ano seguinte o livro «Diabetes Mellitus» em Espanha na coleção Gregório Marañón, um reputado endocrinologista de Madrid. Em 1943 foi aprovado no concurso para Professor Catedrático de Propedêutica Médica da Faculdade de Medicina de Lisboa, funções que exerceria por poucos anos, uma vez que incompatibilidades políticas com o governo de então levou à exoneração da função pública<sup>50</sup>, integrado no saneamento universitário de 1947.

Deste modo a consulta prevista de endocrinologia para Hospital Curry Cabral não chegou a arrancar nesta data visto o Dr. Fernando Fonseca ter sido afastado da função pública. No Hospital D. Estefânia a consulta passou a existir efetivamente em 1948 sob a responsabilidade de Iriarte Peixoto com o contributo dos seus colaboradores mais próximos como eram Ludgero Pinto Basto, Nuno Botelho de Medeiros, Ângelo Rosário Dias, Jorge Lopes do Rosário e Sobral Blanco.

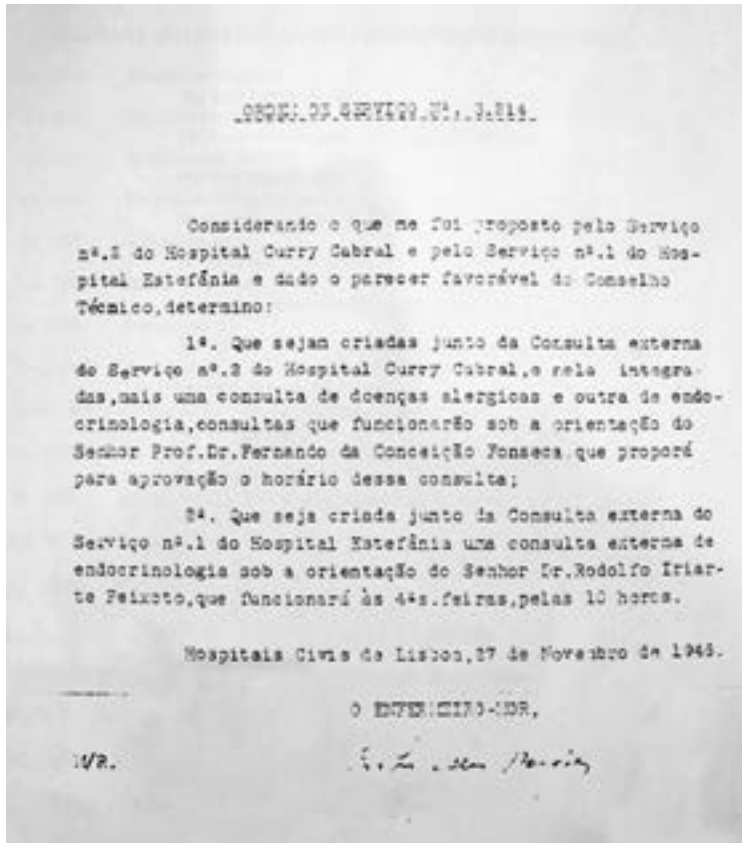
Iriarte Peixoto criou uma boa dinâmica com os seus colaboradores o que veio permitir criar uma publicação periódica, embora de curta duração, onde eram publicados casos clínicos de endocrinologia no «Boletim de Endocrinologia e Clínica dos H.C.L.», mais tarde integrado na «Revista Ibérica de Endocrinologia». Iriarte Peixoto apresentou também na I Reunião Hispano-Lusa de Endocrinologia em Barcelona (1952) uma conferência sobre a «Doença de Basedow e síndromes afins com mais dois colegas, Rosário Diaz e

---

<sup>49</sup> DUTSCHMANN, 2013: 52.

<sup>50</sup> DUTSCHMANN, 2013: 52.

Mário Fernández y Fernández, com base nas experiências clínicas do núcleo de Endocrinologia do Hospital D. Estefânia. Uma breve passagem de Iriarte Peixoto pelo Hospital de Santa Marta deslocou a consulta de Endocrinologia dos Hospitais Cívicos para esse hospital.



**Imagem 3** – Ordem de Serviço n.º 3214 de 1946 criadora da primeira consulta de Endocrinologia em Portugal.

**Fonte:** Espólio da Sociedade Portuguesa de Endocrinologia.

Posteriormente, Iriarte Peixoto que fora colocado na direção do Serviço 2 do Hospital Curry Cabral, mas mantendo as suas funções como secretário-geral da Sociedade Portuguesa de Endocrinologia, desenvolveu um núcleo forte de Endocrinologia, cuja ordem de serviço de 1946 nunca havia efetivado. Com Iriarte Peixoto como mentor, a Endocrinologia no Hospital Curry Cabral floresceu perante um conjunto de colaboradores, internos e voluntários ávidos de progredir nos seus conhecimentos.

Iriarte Peixoto era um autor eclético, como mostram as suas publicações: entre os seus trabalhos figuravam temas que iam da diabetes à nutrição e obesidade, da Endocrinologia do crescimento a experiências de laboratório, da tiroide às hormonas. Foi o fundador de um dos primeiros periódicos especializados em Endocrinologia. Foi algumas décadas depois presidente da Sociedade Portuguesa de Endocrinologia entre 1977 e 1981.

A outra consulta de Endocrinologia surgida em Lisboa, também em 1948, foi a do Instituto Português de Oncologia Francisco Gentil. O projeto do IPO nasceu em 1927 em Lisboa, por iniciativa do Prof. Dr. Francisco Gentil, como um espaço dedicado à investigação e ensino do cancro, bem como um espaço de assistência especializada a doentes oncológicos<sup>51</sup>. Na década de 1940 Francisco Gentil, reconhecendo a importância potencial da Endocrinologia no contexto oncológico, convidou Luís da Silveira Botelho, irmão do Administrador do IPO Joaquim Silveira Botelho, para desenvolver a Endocrinologia no Instituto. Enviou Luís Botelho para Madrid estagiar com um insigne endocrinologista da época Gregório Maraño y Posadillo. Pelo Instituto de Patologia Médica de Madrid passaram outros endocrinologistas portugueses que permanecendo mais ou menos tempo foram absorver os ensinamentos de Gregório Maraño que desde 1931 tinha uma cátedra da especialidade na Universidade Central de Madrid<sup>52</sup>.

Após o seu regresso, Luís da Silveira Botelho criou a consulta de Endocrinologia no IPO de Lisboa em 1948. Inicialmente colaboraram com Luís da Silveira Botelho outros médicos, como Fernando Magalhães Colaço, que, tal como Luís Botelho era também assistente no Hospital de Santa Maria, Miguel Freire da Cruz e Manuel Neves e Castro. Várias décadas depois vieram juntar-se outros médicos que tendo realizado estágios em contexto internacional vieram dinamizar a Endocrinologia do IPO, permitindo integrá-la na formação universitária a partir de 1975, com a associação do IPO à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa.

### 3. OS PRIMEIROS PERIÓDICOS DE ENDOCRINOLOGIA PORTUGUESES

Uma das consequências dos trabalhos de laboratório e da prática clínica da Endocrinologia em Portugal foi o aparecimento cada vez mais sistemático e organizado de estudos de divulgação científica desta nova área médica. Progressivamente, o interesse pela Endocrinologia foi aumentando tanto nos médicos que já exerciam, em especial ligados à Medicina Interna onde se estudavam as glândulas endócrinas e tratavam as suas patologias, mas também da psicologia, sexologia, etc., como nos estudantes de medicina que assistiam a uma nova e fulgurante área que aliava o trabalho minucioso de laboratório ao exercício à cabeceira do doente. A divulgação dos estudos laboratoriais e dos casos clínicos observados e tratados em contexto hospitalar começaram a requerer um espaço próprio na imprensa médica.

O aparecimento de meios periódicos especializados é um dado marcante para qualquer especialidade médica, por um lado porque é sinónimo de uma certa maturidade científica e por outro lado surgem porque existem leitores interessados no assunto e que constituem a breve trecho uma massa crítica capaz de impulsionar o desenvolvimento de uma determinada área do saber. Foi justamente o que aconteceu com os periódicos de Endocrinologia.

---

<sup>51</sup> IPO, (s.d.).

<sup>52</sup> OROZCO ACUAVIVA, 1999: 124-116.



O periodismo português teve uma particularidade, desde o início associou-se ao periodismo espanhol permitindo a afirmação da especialidade no contexto ibérico. Beneficiaram tanto do contributo de médicos e investigadores portugueses e espanhóis como dos contributos que médicos da América Latina e de outros países da Europa.

Na década de 1940, a Endocrinologia contava com estudos sérios de vários investigadores e com chancela institucional, como vimos com a publicação do Instituto Rocha Cabral, que lhe deram uma certa maturidade científica. Há que considerar que os primeiros periódicos são ibéricos, o que quer dizer que ao nível científico tanto a Endocrinologia espanhola, desenvolvida por figuras como Gregório Maraño ou José Cañadell, como a Endocrinologia portuguesa estavam alinhadas de modo a que foi mais fácil impor-se como uma nova área do saber. De resto não existem muitos casos semelhantes de colaboração tão estrita entre dois países na criação e divulgação de uma área médica como no caso da Endocrinologia.

Por outro lado, as revistas de Endocrinologia surgiram porque existia um número considerável de interessados em saber mais e de forma mais sistemática sobre os assuntos afetos à Endocrinologia. Os artigos avulsos nas revistas médicas de grande tiragem revelavam-se insuficientes para satisfazer as necessidades de um conjunto de clínicos e investigadores despertados para o problema das glândulas endócrinas. Mas, o surgimento de um periódico temático é também um ato de afirmação de um grupo médico, que pretende ter maior visibilidade e consolidar a sua posição. Do ensemble de todos estes intentos foram criados em 1948 três periódicos: a *Acta Endocrinologica et Gynæcologica Lusitana*, a *Revista Luso-Espanhola de Endocrinologia e Nutrição* e o *Boletim de Endocrinologia e Clínica dos Hospitais Civis de Lisboa*.

A partir da cidade do Porto foi publicada a *Acta Endocrinologica et Gynæcologica Lusitana*, resultado da parceria editorial entre Mário Cardia e o barcelonense José Cañadell, onde se juntavam temáticas de Ginecologia e de Endocrinologia. Mário Cardia era o responsável pelos assuntos portugueses e José Cañadell pelos assuntos espanhóis. Colaborou no primeiro número da revista o prestigiado Gregório Maraño com um artigo em português intitulado «O hipotálamo e a patologia endócrina». Este periódico bimensal tinha no seu conselho científico nomes importantes da medicina endocrinológica da época como Botella Llusía, Cañadell e Maraño de Espanha, Mário Cardia, Celestino da Costa, Cerqueira Gomes e Iriarte Peixoto de Portugal e outros tantos especialistas de França, Brasil, EUA, Suécia, Suíça, Argentina e Chile. Para além dos estudos originais a *Acta Endocrinologica et Gynæcologica Lusitana* publicava todo o movimento bibliográfico internacional relativo à Endocrinologia bem como notícias e resultados dos congressos científicos como escreveram os editores no primeiro número da revista:

*Esta revista quer dar o máximo relevo aos artigos de vulgarização (reuniões de conjunto, notas clínicas, etc.) à informação de congressos, cursos e outras reuniões e aos extractos e resumos de revistas e livros de ginecologia e de Endocrinologia*<sup>53</sup>.

No terceiro ano a publicação passou a ser mensal, num total de nove fascículos por ano – não era publicada durante as férias escolares nos meses de agosto, setembro e outubro – publicado por outra empresa e fazia-se acompanhar de um «Boletim Geral» composto de informações, comentários a assuntos profissionais, notas clínicas e atualidades médicas e crónicas de Madrid e Paris pelos correspondentes Fernan Pérez e Jean Debray respetivamente.

Apesar desta publicação ter tido um curto tempo de vida, de 1948 a 1950, publicaram-se 21 números da revista e um total de 84 artigos originais. Cerca de metade desses artigos eram afetos à Ginecologia, embora vários deles tivessem pontos de ligação com a Endocrinologia, especialmente porque estava em voga o tratamento hormonal de alguns problemas ginecológicos. Os trabalhos endocrinológicos desta revista estavam muito ligados às questões da tiroide e tratamento das doenças da tiroide, doenças dos ovários e apareceram também alguns estudos sobre a diabetes, a hipófise-hipotálamo e as paratiroides.

Ainda no mesmo ano apareceu em Lisboa a *Revista Luso-Espanhola de Endocrinologia e Nutrição*, sendo a alma desta publicação Eurico Paes, discípulo de Ferreira de Mira, e criador do Serviço de Endocrinologia do Hospital de Egas Moniz nos anos 50, que tinha trabalhado com o espanhol Grande Covián<sup>54</sup>. Eurico Paes desempenhou funções de diretor editorial, enquanto a direção científica foi confiada a Gregório Maraño, embora com a presença na comissão científica de Celestino da Costa, Iriarte Peixoto e Adelino Costa. No editorial do primeiro número da revista enfatizava-se o facto desta publicação estar em preparação desde 1944, tendo sido adiada vários anos por dificuldades de vária ordem, entre as quais os condicionalismos materiais causados pela II Guerra Mundial. A revista procurava, segundo o editor, estimular um intercâmbio sistemático entre os dois países da Península Ibérica e divulgar as atividades dos vários centros de investigação e clínica endocrinológica. Mas o objetivo era de ir mais além, afirmando-se a vontade de fundar uma Sociedade Ibérica de Endocrinologia, que na verdade nunca se veio a concretizar<sup>55</sup>.

Esta revista associou desde o início os temas da Endocrinologia e da nutrição, caminhando ambas uma a par da outra, o que mais tarde se verificou também no reconhecimento da especialidade junto da Ordem dos Médicos, e posteriormente a junção da temática das doenças metabólicas. De forma similar à outra revista, esta contou com o contributo de grandes nomes como Maraño, Grande Covián, Candela ou Malinowski, bem como da escola de Lisboa com Iriarte Pexoto à cabeça, mas também o próprio Eurico Paes e João de Oliveira e Silva de Coimbra.

A *Revista Luso-Espanhola de Endocrinologia e Nutrição* teve menos números publicados, uma vez que era trimestral. Cada número compunha-se geralmente de um ou dois artigos originais de especialistas portugueses e um ou dois artigos originais de especialistas espanhóis, seguido de resenhas bibliográficas e notícias. Foram publicados entre 1948 e 1950 um total de 12 tomos e de 27 artigos. Entre os temas tratados mais recorrentes

---

<sup>54</sup> OROZCO ACUAVIVA, 1999: 222.

<sup>55</sup> PAES, 1948: 1-2.

destacam-se os estudos das gónadas e tiroide, estudos de neuro-endocrinologia, tratamento hormonal e diabetes.

O terceiro periódico desta época foi o *Boletim de Endocrinologia e Clínica dos Hospitais Cíveis de Lisboa* criado por iniciativa de Iriarte Peixoto e dos seus colaboradores. Após a criação da consulta de Endocrinologia e Nutrição no Hospital D. Estefânia e como complemento do trabalho clínico realizado na consulta procurou conjuntamente com os seus colaboradores, internos e voluntários dar à estampa um boletim que servisse de «repositório de notas de patologia e clínica, particularmente do ramo endocrinológico»<sup>56</sup>.

Este boletim foi publicado somente em 1948 e 1949. Do seu conteúdo constavam casos clínicos, revisões de patologia, notícias e resumos de conferências, etc. Não chegou a assumir a importância nem a divulgação de outras publicações, sendo ainda hoje difícil encontrar esta publicação na íntegra.

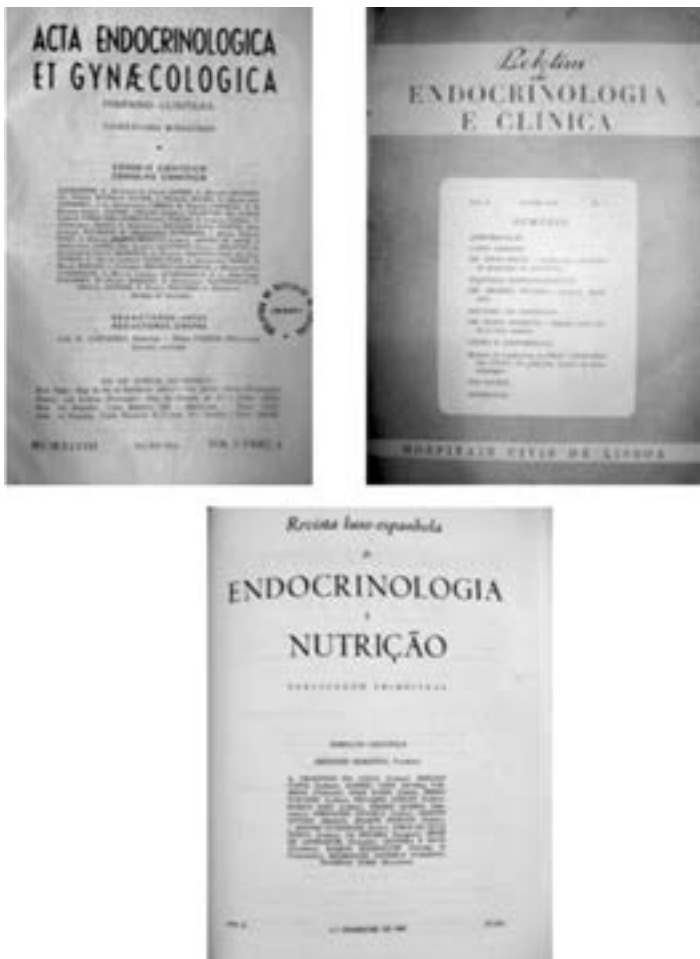


Imagem 4 – Primeiras revistas de Endocrinologia portuguesas criadas em 1948.

<sup>56</sup> PEIXOTO, 1948: 1.

A partir de 1951 houve uma junção de vontades por parte das direções das três revistas existentes em Portugal para se fundirem numa só publicação. O facto de ter sido fundada a Sociedade Portuguesa de Endocrinologia em 1949 e a Sociedade Espanhola de Endocrinologia em 1950 veio catalisar o processo de fusão das revistas, já que ambas procuravam um meio de divulgação comum às duas organizações. A criação da *Acta Endocrinologica et Gynæcologica Lusitana*, dirigida por Mário Cardia e José Cañadell, e da *Revista Luso-Espanhola de Endocrinologia e Nutrição*, dirigida por Eurico Paes e Gregório Maraño, enquanto revistas bilingues e de difusão ibérica apontavam para esse objetivo comum de ambas as sociedades. Com efeito, em 1951 assistiu-se à criação de uma nova publicação inteiramente dedicada à Endocrinologia, a *Acta Endocrinologica Iberica*, continuadora das duas revistas, a que se juntou o Boletim dos Hospitais Cívicos de Lisboa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção e estruturação da Endocrinologia em Portugal na primeira metade do século XX ficou-se a dever a três grandes fatores, como foram o desenvolvimento de estudos laboratoriais de fisiologia e histologia das glândulas endócrinas, a passagem a uma Endocrinologia clínica e a formação de um periodismo médico especializado.

Os estudos de fisiologia e histologia das endócrinas perpetrados por vários professores-cientistas de renome puseram na agenda uma área nova e promissora para a medicina. Com sede em institutos de investigação, sobretudo de Lisboa, estes estudos assumiram uma relevância cada vez maior no seio da comunidade médica portuguesa, estendendo-se posteriormente a outras geografias do país. A passagem de vários médicos e investigadores portugueses por centros de investigação e hospitais estrangeiros teve um efeito notório na dinamização das diferentes áreas de investigação. Empossados com conhecimentos inovadores para a época souberam tirar partido de um movimento nacional mais lato de progresso científico e rapidamente transformar uma nova área de estudo numa nova especialidade médica.

Numa segunda fase deu-se a institucionalização da Endocrinologia clínica com o aparecimento de consultas específicas da área, primeiro da diabetes na APDP, erigida por Ernesto Roma a partir da década de 1920, e depois com as Consultas de Endocrinologia nos Hospitais Cívicos de Lisboa e no IPO de Lisboa por Iriarte Peixoto e Luís da Silveira Botelho respetivamente. Com estas iniciativas os conhecimentos provenientes dos laboratórios entraram nos consultórios, ficando ao serviço da população que padecia de problemas do foro endocrinológico.

Por seu turno, quer a prática clínica quer os estudos laboratoriais produziram novos conhecimentos que, uma vez difundidos por um periodismo especializado e tendencialmente internacional, serviram para catapultar a nova área biomédica para o estatuto de especialidade médica, já no terceiro quartel do século XX.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Manuel Valente (2014) – *História da Medicina em Portugal: origens, ligações e contextos*. Porto: Porto Editora.
- AMARAL, Isabel (2006a) – *Miguel Bombarda e a Escola de Investigação de Marck Athias*. In PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui, coord. – *Miguel Bombarda (1851-1910) e as singularidades de uma época*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 155-162.
- \_\_\_\_ (2006b) – *The emergence of New Scientific Disciplines in Portuguese Medicine. Marck Athias Histophysiology Research School, Lisbon (1897-1946)*. «Annals of Science», vol. 63, n.º 1, p. 85-110. Disponível em: <doi:10.1080/00033790500429425>.
- APDP (s.d.) – *História da APDP* [em linha]. Lisboa: Associação Protetora dos Diabéticos de Portugal. Disponível em: <http://www.apdp.pt/a-apdp/historia>. [Consulta realizada em 26/04/2017].
- ARROTEIA, Aristides Brás (1987) – *Ernesto Galeão Roma: Médico, Cientista, Humanista (1887-1978)*. Viana do Castelo: Ofilito. Sep. do «Boletim Cultural do Centro de Estudos Regionais, n.º 3. 11 pp.
- ATHIAS, Marck (1909) – *O ensino da Physiologia e da Histologia nas Faculdades de Medicina da Bélgica*. «A Medicina Contemporânea», tomo 12, n.º 44, p. 357-359.
- \_\_\_\_ (1933) – *Travaux de l'Institut de Physiologie (1922-1933)*. Lisboa: Faculdade de Medicina de Lisboa.
- \_\_\_\_ (1946) – *O ensino de fisiologia na Régia Escola de Cirurgia e na Escola Médico-cirúrgica de Lisboa*. «Clínica Contemporânea», tomo 1, n.º 6, p. 333-341.
- BASILIO MORENO, Esteban; e TORRE, Ana Isabel (2005) – *Historia de la Sociedad Española de Endocrinología*. Madrid: SEEN.
- BOTELHO, Luís da Silveira; e MEDINA, José Luís (2008) – *Relações Científicas entre a Endocrinologia de Portugal e a Endocrinologia de Espanha*. Porto: SPEDM.
- BOTELHO, Luís da Silveira (1988) – *Contribuição para a História da Endocrinologia em Portugal*. «Acta Médica Portuguesa», vol. 2, p. 181-185.
- CARDIA, Mário; CAÑADELL, José (1948) – *Apresentação*. «Acta Endocrinologica et Gynæcologica Lusitana», vol. 1, n.º 1, p. 2-3.
- CAWADIAS, A. (1940) – *The History of Endocrinology: Section of the History of Medicine*. «Proceedings of the Royal Society of Medicine», vol. 34, n.º 6, p. 303-308. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1997830/>>
- COSTA, Augusto Celestino da (1905) – *Glandulas suprarenaes e suas homologas: estudos cytologico*. Lisboa: Escola Médico-cirurgica de Lisboa. Tese inaugural.
- \_\_\_\_ (1942) – *Lições sobre a histofisiologia das glândulas endócrinas: suprarrenal, tiroideia, paratiroideia, pâncreas endócrino, hipófise*. Lisboa: [s.n.].
- \_\_\_\_ (1948) – *A vida e a obra científica de Marck Athias*. «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. 26, p. 145-227.
- COSTA, Manuel Bruno da (1938) – *Preparação de insulina em Coimbra*. «Coimbra Médica», vol. 5, n.º 3, p. 201-211.
- DECRETO-LEI n.º 30017/1938. D.G. I Série. 256 (1939-11-02) 1164.
- DORANTES-ÁLVAREZ, Luis; e MEDINA-BRAVO, Patricia (2005) – *Ernest Starling y el nacimiento de la Endocrinología*. «Bol Med Hosp Infant Mex», N.º 62, p. 307-309. Disponível em: [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1665-11462005000500002](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-11462005000500002).
- DUTSCHMANN, Luís (2013) – *Professor Doutor Fernando Fonseca*. «Rev Clin Hosp Prof Dr Fernando Fonseca», vol. 2, n.º 1, p. 52-53. Disponível em <<http://repositorio.hff.min-saude.pt/bitstream/10400.10/1218/1/Professor%20Doutor%20Fernando%20Fonseca.pdf>>. [Consulta realizada em 21/04/2017].
- FUNDAÇÃO ERNESTO ROMA (s. d.) – *Ernesto Roma* [em linha]. Lisboa: Fundação Ernesto Roma. Disponível em: <http://www.fundacaoernestoroma.org/ernesto-roma/>. [Consulta realizada em 26/04/2017].
- IPO (s.d.) – *História do IPO*. [em linha]. Lisboa: Instituto Português de Oncologia. Disponível em: <<http://www.ipolisboa.min-saude.pt/Default.aspx?Tag=DOSSIER&DossierId=6&ContentId=876&Id=00000000-0000-0000-0000-000000000000>>. [Consulta realizada em 28/04/2017].

- JOSLIN, Elliott (1919) – *A Diabetic Manual for the mutual use of Doctor and Patient (2.ª ed.)*. Filadélfia/Nova Iorque: Lea & Febiger.
- JOSLIN DIABETES CENTER (s. d.) – *Milestones in Joslin Care and Education* [em linha]. Boston: Joslin Diabetes Center. Disponível em: [http://www.joslin.harvard.edu/about/care\\_and\\_education\\_milestones.html](http://www.joslin.harvard.edu/about/care_and_education_milestones.html). [Consulta realizada em 26/04/2017].
- LISBOA, Pedro Eurico (1979) – *Homenagem a Ernesto Roma*. Porto. Tip. Costa Carregal. Sep. do «Jornal do Médico», vol. 39, n.º 1823. 8 pp.
- LORIAUX, Donald (2016) – *A Biographical History of Endocrinology*. Ames: Wiley-Blackwell.
- MEDVEY, Victor C. (1982) – *A History of Endocrinology*. Lancaster/Boston/The Hague/Dordrecht: MTP Press.
- MIRA, M. Ferreira de (1939) – *O Instituto Rocha Cabral e a sua obra*. Lisboa: Imprensa Lucas & C.ª.
- \_\_\_\_ (1940) – *Palestras científicas*. Lisboa: Seara Nova.
- \_\_\_\_ (1954) – *História da Fisiologia em Portugal*. Lisboa: Ramos, Afonso & Moita.
- OROZCO ACUAVIVA, Antonio (1999) – *Historia de la Endocrinología Española*. Madrid: Ediciones Díaz de Santos.
- PAES, Eurico (1948) – *Apresentação*. «Revista Luso-Espanhola de Endocrinologia e Nutrição», vol. 1, n.º 1, p. 1-2.
- PEIXOTO, Iriarte (1948) – *Apresentação*. «Boletim de Endocrinologia e Clínica dos Hospitais Cívicos de Lisboa», vol. 1, n.º 1, p. 1.
- \_\_\_\_ (1985) – *Celestino da Costa e a Endocrinologia Clínica*. «Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa», tomo 149, n.º 6, p. 376-377.
- PICÓ ALFONSO, António (2013) – *Evolución y futuro de la Endocrinología*. «Anales Reial Acadèmia de Medicina de la Comunitat Valenciana», vol. 14, p. 1-22. Disponível em <[http://www.uv.es/ramcv/2013/069\\_VII\\_I\\_Dr\\_Pico.pdf](http://www.uv.es/ramcv/2013/069_VII_I_Dr_Pico.pdf)>. [Consulta realizada em 27/04/2017].
- POVOA, Luiz (2000) – *História da Endocrinologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Diagraphic.
- ROLLESTON, Humphry (1937) – Endocrines in Theory and Practice: The History of Endocrinology. «The British Medical Journal», (15 maio), p. 1033-1036. Disponível em <<http://www.bmj.com/content/1/3984/1033>>.
- ROMA, Ernesto (1937) – *Conselhos aos diabéticos*. Lisboa: Tipografia da L.C.G.G.
- RUAS, M. Almeida; CARVALHEIRO, Manuela; e CARRILHO, Francisco (2014) – *Serviço de Endocrinologia, Diabetes e Metabolismo: 40 Anos de Serviço Público*. Coimbra: SEDM/CHUC.
- SALGUEIRO, Ângela (2015) – *Ciência e Universidade na I República*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Tese de Doutoramento.
- \_\_\_\_ (2014) – «Os institutos de investigação universitários e os fenómenos de internacionalização científica em Portugal nos anos 20». In SALGUEIRO, Ângela; NUNES, Maria de Fátima; ROLLO, Maria Fernanda; LOPES, Quintino, eds. – *Internacionalização da Ciência. Internacionalismo Científico*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- SILVA, José Luís (2003) – *História do Serviço de Endocrinologia, Diabetes e Metabolismo Prof. Doutor I. Salcedo*. «Arquivos do Hospital Geral de Santo António», vol. 7, supl., p. 10-12.
- SOURNIA, Jean-Charles (1997) – O homem e a doença. In LE GOFF, Jacques, coord. – *As doenças têm História*. Lisboa: Terramar, p. 359-361.
- SPE – *Registo de Sócios (1949-2002)*. [manuscrito]. Disponível na sede da Sociedade Portuguesa de Endocrinologia, Diabetes e Metabolismo, Lisboa, Portugal.